

LAUREN LAYNE

em
pedaços

RECOMEÇOS — LIVRO I

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2014 by Lauren LeDonne

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Broken

CAPA Marina Avila

FOTO DE CAPA svetikd/ iStock

PREPARAÇÃO Paula Carvalho

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Layne, Lauren

Em pedaços / Lauren Layne ; tradução Lígia Azevedo.
— 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Broken.

ISBN 978-85-8439-117-2

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

18-14796

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para Nic, por saber que eu devia escrever este livro.

OLIVIA

Só em Manhattan alguém daria uma festa para comemorar o fato de sua filha ter largado a faculdade. E só no Upper East Side as pessoas realmente compareceriam.

Para ser honesta, os convites não deixavam *clara* a parte da desistência. Seria deselegante. Afinal de contas, estamos em Nova York. As pessoas seguem um determinado estilo de vida. Pelo menos na frente dos outros.

Os convites, que custavam doze dólares cada, propagandeavam a coisa toda como a “festa de despedida de Olivia Elizabeth Middleton”.

E eles queriam mesmo celebrar a partida dela.

O destino? Bar Harbor, Maine.

O motivo? Trabalho humanitário.

Bom... não é *bem* isso. Pelo menos eles acertaram o lugar, ainda que até isso seja meio ridículo. Não é exatamente Ruanda, Haiti ou qualquer outro local onde Olivia Elizabeth Middleton pretendia ir *a princípio*, em sua tentativa de salvar o mundo. Mas, quando seus pais conhecem alguém que conhece alguém que conhece *todo mundo*, você acaba se comprometendo com pessoas que precisam de ajuda e que estão mais próximas da sua casa. No caso, Bar Harbor, Maine.

E essa história toda de trabalho humanitário? A maior bobagem. Sei disso muito bem.

Porque *eu sou* Olivia Elizabeth Middleton. Larguei a New York University e logo estarei morando no meio do nada.

E preciso dizer que a razão de eu ter deixado a faculdade não tem *nada* a ver com caridade. Não sou tão boazinha assim. Não mesmo. Com certeza não mereço a porcaria de uma festa pelas coisas que fiz.

Mas sou uma Middleton. *Sempre* damos festas. Já fico feliz de ter convencido minha mãe a não encomendar uma escultura de gelo da madre Teresa de Calcutá.

Queria que tudo isso fosse uma piada.

Mas aqui estou, com um vestido Versace novinho, tentando fazer todo mundo acreditar que fui mordida pelo bichinho da filantropia bem a tempo de largar a faculdade no último ano.

O mais deprimente é que todo mundo parece realmente disposto a acreditar nessa história. *Muito bem, Liv! Temos muito orgulho de você. Bonita por dentro e por fora!*

Argh.

Pelo menos minha melhor amiga não parece acreditar. “Liv, você não está falando sério, né? Quer dizer, onde vai arranjar um lugar para fazer suas luzes?”

Uma parte de mim, escondida lá no fundo, quer bater na minha amiga mais antiga por ser tão superficial. Mas a outra parte — aquela com que estou mais familiarizada — só quer pegá-la pelos ombros e sacudi-la enquanto digo “*Eu sei!*”. Porque essa é a verdade: passei muito tempo pensando em como manter meu cabelo nesse tom de mel enquanto estiver no Maine. Não queria que ele voltasse à sua cor natural de *lama*.

Bella Cullinane e eu vamos ao mesmo cabeleireiro desde que nossas mães decidiram que era hora de aprender a diferença entre luzes e trevas. Tínhamos treze anos. Àquela altura nós duas já éramos inseparáveis. Ao longo dos doze anos que frequentamos a escola particular, ela foi a morena bonitinha que fazia dupla com a loira elegante aqui. Bella me introduziu na arte de subir na medida certa a barra da saia sem graça do uniforme: só o bastante para chamar a atenção sem ser óbvio demais. Em troca, dei cobertura a ela quando deixou Todd Akin tirar seu vestido de festa lavanda na noite da formatura. Assim que ela foi para Fordham e eu para a NYU, fizemos um pacto de nos vermos pelo menos algumas vezes por mês. Até agora cumprimos o prometido.

Desde que contei para ela essa história de ir para o Maine, dois meses atrás, Bella me garantiu que, independentemente de qualquer coisa, será sempre minha melhor amiga (a parte do “independentemente de qualquer coisa” se refere, é claro, ao fato nada irrelevante de que, depois

de três anos estudando, não vou conseguir o diploma de administração porque vou sair antes de completar o último ano da faculdade).

Mas, lá no fundo, nós duas sabemos que as coisas mudaram. Telefonemas não são a mesma coisa que tomar vinho juntas às quartas. E mesmo quando a gente *de fato* se encontrar, não vamos ter mais nada em comum. Bella vai estar se matando de estudar para as provas de admissão no curso de direito, de modo que possa escolher com todo cuidado para onde vai, enquanto eu levarei um veterano de guerra à fisioterapia, tentando convencê-lo a tomar sua sopa de ervilha, ou o que quer que ele coma.

“Vou voltar para o feriado de Ação de Graças”, respondo, diante do medo de Bella sobre o destino do meu cabelo. “Posso marcar um horário aqui.”

Ela contrai os lábios brilhantes em reprovação e toma só um goliinho de champanhe Taittinger, porque bebida é carboidrato, e Bella vive com medo de que seu corpo violão fique cheio de gordurinhas antes de caminhar até o altar em um vestido de noiva tamanho trinta e seis.

“Três meses”, ela diz, dando uma rápida inspecionada no meu cabelo. “As pontas *talvez* sobrevivam se você não passar chapinha no cabelo, mas as raízes... afe.”

“Acho que posso usar uma sacola na cabeça”, sugiro, enquanto tomo um gole de champanhe maior que o de Bella — diferente da minha amiga cheia de curvas, sou mais para esbelta (leia-se: tábua), e se a genética prevalecer, minha magreza provavelmente dure mais que os meus dentes.

Poder beber nas inúmeras reuniões sociais dos meus pais deve ser a única coisa boa de ficar mais velha. Acho que esse é um dos motivos pelo qual, por lei, só é permitido beber depois dos vinte e um. É como se lá atrás alguém muito esperto soubesse que, a partir de um determinado momento da vida, o álcool seria bastante útil. Tenho quase vinte e dois, e Deus sabe que precisei de um drinque uma vez ou outra. Principalmente no ano passado.

Sinto um perfume adocicado um segundo antes de alguém abraçar minha cintura.

“Você nunca vai adivinhar quem teve a cara de pau de aparecer”, minha amiga Andrea murmura no meu ouvido. “E com *ela*.”

Bella e Andrea arregalam os olhos de forma apreensiva. É o que todo mundo faz quando Ethan Price e eu estamos no mesmo recinto. Antes que eu perceba, estou rodeada por outras quatro amigas, todas quase idênticas, em vestidos de festa coloridos e sapatos de salto alto de designers famosos.

Não preciso me virar para saber que a garota que preocupa tanto Andrea não estará vestida como minhas amigas. A nova namorada de Ethan tem um estilo próprio que as pessoas mais educadas consideram “único”, enquanto os esnobes chamam de “esquisito”. No meu círculo social, não há nada pior do que ser “esquisito”.

“O que é isso que ela está usando?”, Sarah pergunta um tanto agressiva.

Não é segredo nenhum que minhas amigas são do tipo esnobe, com exceção de Bella, na maior parte das vezes. Sarah é a pior de todas, e não é a primeira vez que me pergunto por que continuo fingindo que somos amigas.

Sabendo que vão continuar a me rodear como uma matilha de cães de caça glamorosos até que eu preste atenção nos recém-chegados, dou uma espiada por cima do ombro e noto Ethan e Stephanie conversando com um amigo da família.

Sinto um leve aperto no coração ao vê-lo. De calça cinza, camisa branca impecável e uma gravata Burberry, ele está tão elegante e lindo como nunca. Seu cabelo loiro-escuro e seus ombros largos combinam mais com Hollywood do que com o mundo dos negócios, mas ele tem a inteligência e o charme para não se afogar em meio aos tubarões de Manhattan.

Daí olho para *ela*.

Pelo escárnio estampado no rosto das minhas amigas, esperava que Stephanie estivesse usando um *jeans* rasgado, um macacão colado de oncinha ou qualquer coisa do tipo, mas a verdade é que ela até que está estilosa. A maquiagem de tons escuros nos olhos complementa perfeitamente seus grandes olhos azuis, e o vestido tomara que caia cinza seria bastante sem graça se não fosse pelo cinto laranja berrante que envolvia sua cintura fina. Stephanie complementou o look com botas de montaria gastas, o que, embora esteja fora dos padrões do Upper East Side, dá a impressão de ser uma garota que está confortável na sua própria pele.

É claro que ela está confortável. Está de braço dado com o cara com quem você achou que ia casar.

Afasto logo esse pensamento desagradável. Demorei meses para aceitar que Ethan não vai voltar. Fui eu quem insistiu para que ele e a namorada fossem convidados para a festa. Os pais de Ethan e os meus são amigos desde que tínhamos parado de usar fraldas. Não vou deixar algo tão insignificante quanto *traição* estragar isso.

“Você está bem?”, Bella pergunta, baixinho.

Desvio o olhar de Ethan e Stephanie. “Claro. Só preciso de um minuto.” Entrego minha taça de champanhe para ela. “E não deixe que elas ataquem a Stephanie”, murmuro antes de sair.

Mas fugir não é tão simples. Sou parada pelo menos cinco vezes por pessoas bem-intencionadas me dizendo que sempre souberam que eu tinha um coração bom.

Rá.

Finalmente consigo me servir de um copo de chá gelado de framboesa para rebater a dor de cabeça iminente e me dirijo às escadas para me trancar no meu quarto, onde quero ficar por um tempinho.

Só que, antes que eu pudesse escapar, minha mãe me segura pelo braço. “Aonde você está indo?”

Aponto para meus sapatos Jimmy Choo de seiscentos dólares. “Bo-lhas. Só vou colocar um band-aid.”

Ela estreita os olhos verdes — que todo mundo sempre diz que são idênticos aos meus —, mas solta meu braço. “Todo mundo está orgulhoso de você”, minha mãe diz, parecendo ao mesmo tempo aliviada e encantada. “Holly Sherwitz disse que não ficaria surpresa se você ganhasse o Nobel da paz algum dia.”

Por dentro, estou ultrajada diante de tanta bobagem, mas os anos de treinamento em etiqueta social me fazem apenas levantar as sobrancelhas. “Espero que tenha dito a ela como isso é absurdo.”

Minha mãe sorri. “Não é absurdo. O que você está fazendo é admirável. Mudar para o meio do nada para ajudar um veterano inválido.”

“Só que não é o meio do nada. Graças à interferência dos meus pais, vou ficar a uma hora de avião daqui.”

Minha mãe nem se dá ao trabalho de parecer culpada. “Olivia, você

não duraria um dia em El Salvador ou onde quer que fosse construindo casas. Há muitas pessoas neste país precisando de ajuda. Estamos muito orgulhosos de você.”

Eu a encaro. “Sei. Foi por isso que quando contei o que ia fazer, vocês não falaram comigo por uma semana?”

“Ficamos chocados”, minha mãe comenta, sem se abalar. “Seu pai e eu não tínhamos ideia de que você não estava feliz na faculdade, e é claro que sempre imaginamos que iria assumir a empresa...”

É em momentos como esse que eu gostaria que a família dos meus pais tivesse herdado muito dinheiro por várias gerações. Meus amigos são todos cheios de grana, mas o dinheiro deles data do século XIX, da construção das estradas de ferro ou de alguma indústria antiga que agora se retroalimenta. Não é o meu caso.

Meu avô sofria da síndrome do sonho americano e mudou seu destino de homem de classe média do Meio-Oeste ao criar uma agência de publicidade altamente respeitada. Meu pai manteve o sucesso do negócio montado pelo meu avô, e todo mundo espera que a empresa continue na família.

Só que sou filha única. *Nenhuma pressão aí.*

“Talvez eu ainda assuma, mãe. Só preciso me afastar disso tudo, sabe? Só saio de Manhattan para ir aos Hamptons no verão ou a Saint-Tropez em janeiro. Foi você que sempre disse que não quer que eu seja como essas garotas...”

Minha mãe balança a cabeça para me interromper. “Eu sei. Acredite em mim, por mais que participe desse joguinho da alta sociedade de Nova York, quero que você saiba que tem um mundo lá fora, Olivia. Mas tem certeza de que não quer ficar um pouco mais perto de casa? Tem um lugar no Queens que...”

“Já me comprometi, mãe”, digo, com delicadeza. “O sr. Langdon já me mandou um cheque para cobrir as despesas da viagem, e estão esperando que eu chegue na próxima sexta.”

Ela suspira. “Será que um homem adulto não consegue cuidar de si mesmo? Tem algo esquisito no pai dele ter que cuidar de tudo.”

“Foram vocês que me colocaram em contato com os Langdon. Eles são pessoas sérias. E Paul é inválido. Se ele pudesse cuidar de si próprio,

provavelmente não precisaria de ajuda.” Digo isso com a maior paciência. É uma indicação clara de como o mundo da minha mãe é pequeno, apesar de suas boas intenções. Ela não conhece ninguém que foi à guerra, muito menos alguém que tenha sido ferido nela.

Não que *eu* conheça alguém assim, claro. A Park Avenue não está exatamente cheia de membros das Forças Armadas.

“Bom”, minha mãe suspira, tirando meus cabelos compridos dos ombros com carinho, “sorte dele ter uma garota tão linda como você para ajudar.”

Abro um sorriso cansado. Estou ouvindo isso a noite toda, o que me deixa um tanto irritada. Não só porque é condescendente com o coitado do cara de quem vou cuidar, mas porque também me transforma numa fofa, quase uma santa.

Só outras duas pessoas nesta casa sabem a verdade sobre mim. E minha mãe não é uma delas.

“Bom, volte logo”, ela diz. “Os Austen disseram que ainda não tiveram chance de falar com você.”

Provavelmente porque eu os evitei. Annamarie Austen é o tipo de fofqueira antipática que tenho evitado a todo custo nos últimos meses, e Jeff Austen só fica olhando pros meus peitos.

“Pode deixar”, garanto, antes de subir as escadas para pegar o band-aid imaginário. Meus pés estão mais do que acostumados aos saltos para que eu tenha bolhas. Só quero cinco minutos pra mim — *preciso* disso. É uma chance de ficar longe dessa puxação de saco descabida e da pressão esmagadora que sinto no meu peito sempre que olho para Ethan.

Mas meu quarto não é o santuário calmo que achei que seria. Longe disso.

Eu dou um pulo, mas uma parte de mim não se surpreende ao vê-lo aqui. *Ele*, o *iceberg* que destruiu o curso da minha vida. É até apropriado que esteja aqui para me ver afundando.

Agora há *três* pessoas nesta casa que sabem a verdade sobre mim.

“Michael”, digo, mantendo a calma em tom educado. Sempre sou educada.

“Liv.”

Michael St. Claire é um desses caras agradáveis e bonitões que

atraem amigos e garotas como um ímã. Ele mantém o corte perfeito do cabelo castanho em um salão que é quase tão caro quanto o meu, e sua pele levemente dourada é um presente dos genes italianos do lado da mãe. Sempre foi um dos meus melhores amigos.

Os Middleton, os St. Claire e os Price formam um grupo exclusivo no topo da pirâmide social nova-iorquina há mais de vinte anos. Minha mãe e a mãe de Michael eram melhores amigas desde a faculdade, e conheceram a mãe de Ethan no primeiro dia de aula dos filhos na educação infantil.

A partir de então, os jantares esporádicos começaram, e quando eu tinha oito anos já passávamos mais feriados com os St. Claire e os Price que com os meus avós.

A amizade dos nossos pais garantiu que Ethan, Michael e eu fôssemos para a mesma escola, mas, quando chegou na época da faculdade, já estávamos tão próximos que a inscrição conjunta na NYU foi nossa escolha. Daquele modo, poderíamos continuar próximos uns dos outros e ficar perto de casa.

Mas agora...

Agora só a ideia de nós três estarmos na mesma casa é quase insuportável.

“O que está fazendo aqui?”

Michael deixa de lado o porta-retratos com uma foto de nós três no barco dos pais de Ethan, que foi tirada no verão depois do primeiro ano da faculdade. “O que acha? Vim perguntar que porra é essa.”

Recorro à vaidade e retoco o batom para não precisar encará-lo. “Você deve ter visto no convite. Vou passar alguns meses fora, trabalhando como voluntária.”

Ele se aproxima de mim, com seus olhos dourados demonstrando ceticismo e interesse, como se tivesse o direito de estar preocupado comigo.

“Você vai fugir”, Michael diz, baixinho.

Viro para ele, cruzando os braços e desistindo da estratégia da vaidade. “Claro. Você não gostaria de fazer o mesmo?”

“Não”, ele diz, com a voz mais dura e raivosa. “Não quero enfiar o rabo entre as pernas e sair correndo só para não ter que lidar com as coisas.”

“E qual é o seu plano então? Vai continuar fingindo que nada mudou? Até meu pai sabe que tem alguma coisa estranha, e ele nem é lá muito observador.”

“Não precisamos esconder o que aconteceu, Liv.”

“*Nada* aconteceu.”

Seu rosto mostra como foi dolorido ouvir esse comentário. A parte de mim que costumava ser amiga dele quer abraçá-lo para que a dor passe. Mas não somos mais amigos. E nosso último abraço... Não posso pensar nisso. Não com uma centena de pessoas lá embaixo.

“Você precisa ir”, digo.

“Então, é assim que vai ser? *Eu* vou ser chutado do grupo? Decidiram que sou o vilão?”

Quero gritar que ele é o vilão. Quero jogar toda a culpa em Michael. Mas, no fundo, sei que não posso.

“Só não quero ficar no mesmo quarto que você”, falo entre os dentes cerrados. “Não deu muito certo da última vez.”

Michael chega ainda mais perto, inclinando-se e deixando o rosto a centímetros do meu. “É? Porque eu acho que deu *supercerto*.”

Fecho os olhos para afastar essa imagem mental. Quando isso não funciona, eu o empurro para longe. A proximidade dele traz de volta as memórias que levaram ao meu exílio autoimposto.

O empurrão só é forte o bastante para assustá-lo. Seus olhos se voltam para mim, ao mesmo tempo que a expressão do seu rosto endurece.

Michael se afasta com um ar de nojo. “Sei do que realmente se trata essa bobagem de ir para o Maine, Olivia. Você não vai conseguir o que está procurando.”

Sinto um vazio no estômago. “Você não sabe de nada”, revido.

“Sei que quer perdão”, ele diz, virando-se para mim. “Eu também. Mas não vai encontrar isso em Bar Harbor. Me procura quando se der conta disso.”

Nós nos encaramos por alguns segundos, e por um momento acho que o que sinto pode ser desejo, mas lá no fundo sei que é apenas arrependimento. Nunca vou poder dar a Michael o que ele acha que quer.

Mas, independentemente de sermos ou não certos um para o outro, Michael me conhece. Sabe que a razão pela qual estou saindo de Nova

York não tem nada a ver com bondade e tudo a ver com o fato de eu me sentir deplorável.

Para mim, cuidar de um veterano de guerra não é filantropia.
É uma forma de penitência.

2

PAUL

Quem acha que onze e catorze da manhã é cedo demais para começar a beber nunca conheceu meu pai.

E quem acha que *qualquer* hora do dia é cedo demais para beber não me conheceu.

“Pretende adicionar ‘alcoólatra’ ao currículo?”, meu pai me pergunta, olhando com desdém para o copo de bourbon na minha mão.

Largado na poltrona de couro, só chacoalho o gelo no copo. Dá trabalho manter a postura “não tô nem aí”, mas aprendi que é uma necessidade quando se trata do meu pai. Se ele visse quem eu realmente sou — a versão que está sempre prestes a socar alguma coisa —, iria me internar. “Relaxa.” Abro um sorriso de escárnio. “Pelo menos tem gelo aqui. Quando eu começar a tomar puro, aí teremos um problema.”

A expressão dele nem vacila. Por que deveria? Está no modo “desaprovação” desde o dia em que eu contei que ia me alistar como fuzileiro naval, em vez de me tornar funcionário na empresa dele.

Se prefere ficar com areia no rabo e explodir a cabeça no lugar de assumir suas responsabilidades, vá em frente. Mas não pense que vou agir como se você tivesse sido um herói quando seu corpo gelado for enviado de volta para casa em um caixão.

Esse é o meu pai. Sempre a um passo de me chamar para jogar beisebol ou ir pescar. Quando não está me incentivando a seguir meus sonhos, claro.

Fico um pouco satisfeito de saber que ele não estava totalmente certo. A parte da areia no meu rabo realmente aconteceu. Mas ninguém explodiu minha cabeça.

Foi minha perna.

Bom, talvez eu esteja sendo meio melodramático. Ainda tenho minha perna. Mas, pela utilidade que tem agora, poderia muito bem ter sido destroçada. Como tudo o mais na minha vida.

A raiva ameaça me sufocar. Faz dois anos que voltei do Afeganistão, e ela não diminui. Talvez tenha até aumentado.

Mas tenho amanhã e todos os dias que virão para ficar com pena de mim mesmo. Agora foco minha atenção em descobrir qual é o jogo do meu pai no momento. Não é todo dia que o ilustre Harry Langdon vem até Bar Harbor visitar o único filho.

Se aprendi alguma coisa nos últimos dois anos além de como ser eu mesmo, foi a adivinhar com precisão o real sentido dessas visitinhas.

Nada de aviso prévio. *Confere.*

Nem um cumprimento além de uma olhadela para minha perna esquerda pra ver se não voltou magicamente a ser digna de um *quarterback* — o que nunca acontece, claro. *Confere.*

Nem uma espiada na minha cara. *Confere.*

Comentários passivo-agressivos sobre o quanto eu bebo. *Confere.*

O que nos leva ao próximo item da lista...

“Beth me ligou”, ele comenta. “Disse que a última não durou nem duas semanas.”

Ah. Então esse é o motivo.

Balanço a cabeça, pesaroso, e encaro o bourbon. “Pobre Beth. Deve ser duro para ela descobrir que seus escravinhos não têm o que é preciso para sobreviver na selva.”

“Não é...” Meu pai perde o controle e soca a mesa antiga de madeira, irritado. Ele não grita. Harry Langdon nunca grita. “Não é a selva, pelo amor de Deus. É um chateau de nove quartos com duas casas para hóspedes, uma academia e um estábulo.”

Sinto o tom de censura em sua voz. De alguma forma, eu entendo. Do ponto de vista dele, sou um menino mimado. Mas é mais fácil que ele me veja assim do que deixá-lo descobrir a verdade... E a verdade é que eu nem ligaria se tudo pegasse fogo. E torceria para queimar junto.

Porque se meu pai descobrir como estou morto por dentro, não vai se contentar em contratar cuidadores para manter as aparências. Vai me

internar em algum hospício onde os copos são de papel e os talheres são de plástico.

Minha expressão-padrão de escárnio surge em meu rosto. “Bom”, digo, levantando preguiçosamente e mancando até o aparador para pegar mais bourbon, “talvez essa Gretchen — ou era Gwendolyn? — não gostasse de cavalos. Além disso, ela ia assustar os cavalos, pois soava como uma hiena.”

“Não foram os cavalos que a assustaram”, meu pai reage, socando a mesa ainda mais forte dessa vez. “Foi *você*. *Você* a assustou, como assustou os sete que vieram antes.”

Oito, na verdade. Mas não vou corrigi-lo. Não quando está no modo sermão hipócrita.

“E quantos vão bastar, Harry?”, pergunto, colocando mais gelo no copo, encostando o quadril no aparador e me virando para encará-lo.

“Não me chame assim. Sou seu pai. Tenha respeito.”

“Sr. Langdon”, digo, fazendo uma leve reverência. “Quantos?”, repito. “Quantas babás vão ter que vir até aqui só para sumir assim que descobrirem que não preciso de ninguém que limpe minha baba ou leia para mim até que eu durma?”

“Droga, Paul...”

“Dez?”, continuo. “Quinze? Você pode continuar trazendo-os pra cá, mas eventualmente a oferta de cuidadores vai acabar, não acha?”

Ele continua apertando o punho contra a mesa, agora sem me encarar. Está olhando pela janela, onde o porto pode ser vislumbrado através das árvores, sob a luz do fim da manhã.

Deve ser uma bela paisagem, mas prefiro o fim da tarde, quando o sol está se pondo. Principalmente porque significa que o dia acabou. Pelo menos até que venha um novo dia. E ele sempre vem. Não importa o quanto eu torça para isso não acontecer.

“Contrato essas pessoas para *ajudar você*”, meu pai diz, dessa vez batendo na mesa com a mão aberta.

Tomo um gole maior de uísque e deixo que o líquido queime minha garganta. A merda é que eu acho que meu pai realmente acredita que está ajudando. Ele acredita que ter alguém perfumada demais fazendo as vezes de enfermeira pela casa de alguma forma vai apagar tudo o

que aconteceu. Só não sei como fazer com que ele entenda que algumas coisas não podem ser consertadas ou apagadas. Minha perna, por exemplo. E meu rosto.

Além de, claro, todas as coisas fodidas que se passaram na minha cabeça enquanto eu estava numa caixa de areia esquecida por Deus do outro lado do mundo.

“Pai”, afirmo, com a voz um pouco áspera, “eu estou bem.”

Seus olhos azuis, do mesmo tom claro dos meus, me perfuram. Era isso o que eu via quando ainda me olhava no espelho.

“Você não está bem, Paul”, ele retruca. “Mal consegue andar. Não sai dessa casa a não ser forçado. Só lê e fica aí deprimido...”

“Prefiro ‘pensativo’. É mais ativo.”

“Para de fazer graça! Você perdeu esse direito depois de...”

“Depois do quê?” Eu me endireito, tomando o cuidado de colocar todo o peso na perna direita, para não ficar torto. Ou pior, para não cambalear. “Em que ponto perdi o direito de ser engraçadinho? Depois disso?” Aponto para a perna. “Não, não foi. Então deve ter sido depois *disso*.” Aponto para o rosto e fico estranhamente satisfeito quando meu pai desvia o olhar.

“Não se trata da sua perna ou do seu rosto”, ele diz, bruscamente. “É a forma *como* você lida com isso. Você sabe.”

Sei mesmo.

Só que não acredito nem por um segundo que o fato de um desconhecido vir aqui para tentar me convencer a ir à academia ou a fazer fisioterapia e ficar me perguntando a cada cinco minutos se eu comi vai consertar alguma coisa.

“Já tenho a Lindy”, resmungo.

“Ela cuida da casa. Está aqui para lavar os lençóis e se certificar de que os copos em que você passa o dia todo bebendo estão limpos. Ela não está para garantir que você não faça nenhuma idiotice. E, antes que diga qualquer coisa, tampouco cabe a Mick fazer isso. Ele é o motorista.”

“E isso o mantém bastante ocupado, já que você vem uma vez a cada dois meses.”

“Ele não é *meu* motorista. É seu.”

Volto para a poltrona de couro, cansado demais para tentar esconder que manco. “Bom, então pode se livrar dele. Não tenho lugar ne-

nhum para onde ir. Eu poderia estar fazendo coisas bem piores que ficar longe do seu caminho, sabia? Quer mesmo que seus colegas e amigos do clube me vejam?”

“Foi você que se exilou aqui. Não eu.”

“Exatamente! Então para de obrigar toda babá e enfermeira de Boston a vir tomar conta de mim.”

“Está certo”, ele afirma, assentindo uma única vez.

Abro a boca para retrucar antes de entender o que meu pai tinha dito. “Espera. Sério? Cansou de tentar...”

Ele levanta o dedo e seus olhos se endurecem. Só aí me dou conta de que não estou mais lidando com Harry Langdon, meu pai, mas sim com Harry Langdon, o magnata do ramo hoteleiro. O homem que a *Forbes* descreveu como impiedoso e implacável.

Meu pai tinha quarenta e sete anos quando nasci, ou seja, estava no meio dos sessenta quando eu estava no ensino médio. Mas ninguém achava que ele era meu avô. Em parte, porque todo mundo o conhecia e por isso sabia que ele tinha casado com uma mulher vinte e dois anos mais nova, tivera um filho e se divorciara antes que eu tivesse tirado a fralda. Mesmo assim, nunca poderia ser meu avô porque ele não parecia velho. Sempre teve a energia e a força de um homem com metade da sua idade.

No entanto, nos últimos anos, a idade começou a pesar nos ombros encurvados, na papada sob o queixo, nas rugas ao redor dos olhos. Mas o homem dentro do corpo em decadência não perdeu seu vigor. Dá para ver isso em sua boca comprimida e no gelo em seus olhos.

Por instinto, me preparo para o que está por vir. Já tem um tempo que estamos nesse jogo. Ele manda um cuidador chato para tomar conta de mim; eu reclamo, xingo e atiro coisas nele até que vá embora. E a história sempre se repete.

Da primeira vez, recebi um e-mail enfurecido dele. A segunda rendeu uma conversa telefônica. Na quarta, meu pai de fato *veio*, me deu uma bronca e foi embora.

Então o quinto cuidador apareceu — dessa vez, um homem —, e eu me liberei dele. Daí, recebi um e-mail e um telefonema.

E foi por aí. Não passa de um jogo ridículo, para que ele possa fingir que se importa comigo.

Dessa vez, no entanto, sinto que as regras vão mudar, e me preparo. Levou vinte e quatro anos, mas finalmente comecei a entender meu pai. Meu instinto me diz que está prestes a mudar de tática.

Tomo outro gole do bourbon — um belo gole — e me afundo na poltrona, mostrando para ele que, não importa o que venha, nada vai mudar. Nada *pode* mudar.

“É sua última chance”, ele declara.

Bufo, sem nem me dar ao trabalho de disfarçar. Esperava mais dele. “Não foi o que disse da última vez? E na anterior?”

Ele pega a bebida da minha mão. Não esperava que um homem de setenta e um anos fosse tão rápido assim. Eu o encaro, surpreso. O líquido cai em sua mão e no tapete, mas meu pai nem parece perceber isso, porque está ocupado demais me odiando.

Fique à vontade. Eu também me odeio.

“Estou falando sério, Paul. É sua última chance de mostrar pra mim que tem algum desejo de continuar vivendo. Que tem vontade de recuperar sua agilidade, se adaptar diante das mudanças físicas. Entendo por que no começo quis se esconder, mas já se passaram mais de dois anos. Chega. Você tem seis meses pra se recompor.”

“Ou?”, pergunto, me levantando — amo o fato de que, apesar do ferimento na perna, continuo alguns centímetros mais alto que ele.

“Ou você está fora.”

Pisco. “O que você quer dizer com isso?”

“Vai ter que sair desta casa.”

“Mas é aqui que eu moro”, explico, sem entender aonde ele quer chegar.

“É? Você pagou alguma quantia para manter este lugar? Comprou as coisas que estão aqui? Construiu a academia exatamente como o fisioterapeuta mandou? Ou será que fui eu?”

O sarcasmo do meu pai me faz ranger os dentes. Foi ele quem deu a ideia para que eu me mudasse para uma casa luxuosa que não me pertencia — o que mostra como ele não me conhece. Se meu pai acha que me expulsar dessa mansão aconchegante tem algum significado pra mim, está totalmente errado.

Ele me olha com uma certa expectativa, como se pensasse que vou

obedecê-lo só para poder ficar vivendo em meio à riqueza, bebendo coisas caras.

Sinto uma leve onda de satisfação porque estou prestes a desapontá-lo.

“Tá”, digo, soando deliberadamente tranquilo. “Vou embora.”

Ele pisca os olhos, surpreso. “Pra onde?”

“Vou dar um jeito.”

E vou mesmo. Sei que não tenho muito dinheiro, mas com a pensão por invalidez e minhas pequenas economias, posso alugar uma casinha em algum lugar.

Ele estreita os olhos. “E comida? Roupas? Coisas assim?”

Dou de ombros. “Não preciso dessa merda gourmet ou de roupas de marca.”

Meus olhos se voltam para o bourbon de alto nível no aparador, mas não sinto nem um pouco de arrependimento por saber que logo isso não vai caber no meu orçamento. Só quero ficar amortecido, não ligo para o gosto. Bebida barata vai ter o mesmo efeito.

“E seus preciosos livros?”, ele desdenha. “Todas aquelas primeiras edições de que tanto se orgulha?”

Viro-me para a estante. Meu pai sabe que acabou de atingir meu calcanhar de aquiles com a ponta do seu sapato fino.

Ele é ridiculamente rico, e a mesada que me manda todo mês é ridiculamente generosa. Não gasto nem um centavo comigo, a não ser pelos livros. Depois do que aconteceu comigo, acredito que ganhei o direito de ficar sentado e deprimido, lendo meus livros caros.

Mas a ideia de perder minha coleção não é o que faz meu coração acelerar. Não preciso dos livros. Mas *preciso* do dinheiro do meu pai, pelo menos até completar vinte e cinco anos, quando poderei receber o que foi investido pela minha mãe em um fundo fiduciário.

Pensar que meu pai acha que gasto tudo em livros e video games me deixa incomodado. Eu adoraria falar pra ele onde poderia enfiar esses cheques.

Mas o dinheiro não é pra mim.

Então, continuo recebendo a mesada. Mesmo que me torne apenas um vagabundo aleijado aos olhos dele.

“O que você quer?”, pergunto bruscamente, me recusando a encará-lo. É covardia, mas sou muito bom nisso.

Ele solta o ar devagar. “Quero que *tente*, Paul. Quero que pelo menos tente voltar ao mundo dos vivos.”

Eu o corto: “Estou falando da próxima enfermeira que você mandar. O que preciso fazer para que seu filho patético não se torne mais um veterano sem-teto?”.

A palavra “veterano” paira entre nós, e, por um segundo, acho que ele pode ceder, porque se meu calcanhar de aquiles é depender dele, o calcanhar de aquiles *dele* é o sacrifício que eu fiz por este país.

Mas a teimosia do homem só aumentou com a idade. Em vez de recuar, ele se volta para a mesa, derrubando o copo de bourbon. O líquido escorre e molha a madeira. É um gesto descuidado, o que não é característico dele.

“Seis meses”, meu pai sentencia. “Coopere com a moça por seis meses. Faça o que ela te pedir. Se disser para ir à academia, vá à academia. Se disser para comer a porra dos brócolis, coma a porra dos brócolis. Se quiser que use um smoking no jantar, use. Vou falar com ela todo domingo, e se você lançar só um olhar esquisito para ela, tiro tudo de você.”

“Em resumo”, digo, apertando o maxilar, “se eu me comportar mal, estou na rua?”

Ele fecha os olhos por meio segundo. “Estou dizendo que vai ficar por sua conta. Se quer desistir da sua vida, use seu próprio dinheiro para fazer isso.”

Sinto um aperto no peito. Por um segundo acho que é raiva e tenho vontade de socar meu pai por não me entender. Ele já viu o rosto perplexo de um garotinho ao se dar conta de que sua mãe está no meio de uma explosão? Ou um cachorro magrelo perder a perna por causa de uma bomba caseira? Já foi ameaçado por alguém com uma faca ou viu corpos tão mutilados que nem as mães conseguiam reconhecer seus próprios filhos?

Rosno e afasto os pensamentos. Todos eles.

Isso não é sobre mim. É sobre meu pai. E com certeza não é sobre uma cuidadora idiota e inútil que acha que pode consertar meu mundo inteiro se eu tomar canja no jantar.

Isso é sobre uma mulher que perdeu o homem que amava desde a escola. É sobre uma menininha com câncer e sem pai. Quando se trata de ter má sorte na vida...

Não preciso do dinheiro do meu pai.

Mas a família de Alex precisa.

“Então, se eu me comportar direitinho nos próximos seis meses os cheques vão continuar vindo?”

Ele me encara, e pela primeira vez não parece bravo ou enojado. Só parece triste. “Isso. Os cheques vão continuar vindo.”

Inspiro fundo. É uma situação de merda, e pela milésima vez queimo os neurônios tentando pensar em uma maneira de ajudar os Skinner sem o dinheiro do meu pai. Se fosse só uma questão de colocar comida na mesa e presentes embaixo da árvore no Natal, talvez bastasse um empreguinho mal pago que um veterano de guerra pudesse arranjar.

Mas o tratamento de Lily é caro. E Harry Langdon pode pagar por ele.

“Três meses”, digo. “Faço o joguinho idiota dessa mulher por três meses, não seis.”

Seus olhos continuam parados fixamente sobre os meus por alguns segundos, enquanto avaliamos a decisão um do outro. Para minha surpresa, venço, porque ele aceita. “Três meses.”

E então, como se tudo estivesse ajustado e ele não se importasse em ter acabado com a vida patética que eu levo, meu pai vai para a porta. “Mick vai me levar ao aeroporto. A gente se vê...”

As palavras morrem. Apoio as duas mãos na mesa, olhando para a poça de bourbon. “É. A gente se vê.”

Meu pai para na porta, e eu viro para ele.

“Ei”, falo, antes que ele desapareça por mais um mês, ou três meses, ou até que a culpa o obrigue a vir me visitar. “Essa mulher que vem amanhã... E se eu fizer meu melhor para cooperar, mas, como os outros, ela não der conta... do Maine?”

Ambos sabemos que não estou falando do Maine. O problema é que é preciso mais que um cheque polpudo para esperar que alguém passe os dias olhando para minha cara devastada e aguentando meu temperamento ruim. O problema não é o Maine. Sou eu.

“E se ela for embora antes que os três meses acabem?”, insisto, pensando nos olhos tristes de Lily e na expressão assustada de Amanda.

Meu pai fica em silêncio por alguns segundos. “Bom... vamos torcer para que isso não aconteça.”

3

OLIVIA

O voo de Nova York até Portland, no Maine, é mais curto do que eu gostaria.

Esperava que, no momento em que saísse do avião, já estivesse com os pensamentos em ordem. Que já teria me preparado para o modo “eu consigo!”.

A realidade é muito mais próxima de um enjoo profundo, mas é tarde para voltar atrás.

O último e-mail de Harry Langdon informava que eu devia procurar por alguém segurando um papel com meu nome. Simples assim. Eu cresci na terra dos motoristas particulares. Em outras palavras, sou capaz de encontrar meu nome em meio ao mar de motoristas esperando na saída da esteira de bagagens.

Enquanto me desloco pelo aeroporto, procuro me colocar no estado mental adequado. Dessa vez, não vai ser um motorista particular. Vai ser um pescador de uma cidade pequena, usando camisa de flanela.

Só que estou errada. Tem apenas duas pessoas segurando placas com nomes no desembarque e, como prometido, uma delas tem meu nome. Mas o homem em questão não é um pai preocupado e durão que se isolou para cuidar de seu filho ferido. O que vejo é alguém de uniforme preto, usando inclusive um quepe de chofer.

Talvez eu não esteja tão longe de casa, afinal de contas.

Fico surpresa com o tratamento refinado. Para a sorte dele, sou fluente em riqueza.

“Srta. Middleton”, ele diz quando me aproximo, assentindo. “Trouxe mais malas?”